



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO NORDESTINO NA OBRA “CANTE LÁ
QUE EU CANTO CÁ: FILOSOFIA DE UM TROVADOR NORDESTINO” DE
PATATIVA DO ASSARÉ**

MAYRLA FERREIRA DA SILVA

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2019

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO NORDESTINO NA OBRA “CANTE LÁ
QUE EU CANTO CÁ: FILOSOFIA DE UM TROVADOR NORDESTINO” DE
PATATIVA DO ASSARÉ**

MAYRLA FERREIRA DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Mayrla Ferreira da.

A construção da identidade do nordestino na obra "cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino" de Patativa do Assaré [manuscrito] / Mayrla Ferreira da Silva. - 2019.

39 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.

"Orientação : Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Identidade. 2. Sujeito. 3. Nordeste. 4. Sertão. I. Título

21. ed. CDD 869

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO NORDESTINO NA OBRA “CANTE LÁ
QUE EU CANTO CÁ: FILOSOFIA DE UM TROVADOR NORDESTINO” DE
PATATIVA DO ASSARÉ**

MAYRLA FERREIRA DA SILVA

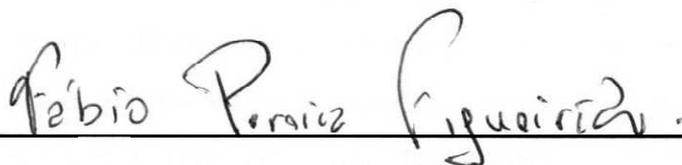
APROVADO EM: 11 de junho de 2019.



Prof. Dr. Aurílio Farias Conceição
Orientador - UEPB/CAMPUS IV



Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes
Examinadora - UEPB/CAMPUS IV



Prof. Ms. Fábio Pereira Figueiredo
Examinador – UEPB/CAMPUS IV

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão é o mínimo que posso dar aos que construíram junto comigo esta belíssima jornada de chegar até aqui.

Antes de qualquer coisa honra, amor e gratidão para o meu Pai celestial, pois tenho total e completa certeza que sem Ele eu não teria conseguido chegar nem na metade do caminho. Obrigada Senhor Deus, pela tua graça e fidelidade, mesmo sendo ser humano falho o Teu amor para conosco nunca deixa a desejar nunca nos abandona.

Aos meus pais Cícero e Márcia, são poucas as palavras da língua portuguesa que possam expressar em meu coração o amor e gratidão que tenho a vocês. Obrigada por cada esforço e investimento, por não me deixarem desistir, por entender quando eu precisei renunciar o meu lar por um tempo para melhor me dedicar a vida acadêmica, por cada ligação de preocupação, cada mensagem de força, pelas inúmeras orações. Creio que fui grandemente agraciada por Deus, quando Ele me deu vocês, pois são o melhor exemplo que tenho de amor, cumplicidade e dedicação. A vocês minha eterna gratidão.

Ao meu irmão Márcio e minha cunhada Fabiana, vocês também são parte de mim. Obrigada pela disponibilidade quando precisei, pelo amor e carinho expressos em cada atitude e por estarem comigo juntos nessa jornada.

Aos meus familiares que estão longe em quilômetros, mas sempre estiveram muito perto. Minhas tias, tios, primos e avôs e avós obrigada por me incentivarem, me apoiarem, pelas orações e por trazerem palavras de ânimo. Eu não seria o que sou hoje sem o exemplo de vida de vocês. Em especial a minhas tias professoras Mariza, Mércia e Socorro, eu até tentei fugir, mas a docência está na genética.

Aos meus amigos de casa que se tornaram parte da família, João, Audilene, Alex, Samuel e Karine. Vocês viram e viveram comigo muitos momentos da vida acadêmica, obrigado pelas orações, pela disponibilidade quando precisei e por acreditarem que eu não desistiria.

Neste caminho percorrido, Deus achou por bem me agradecer com verdadeiras joias raras. Com meus amados amigos que encontrei na vida acadêmica, aprendi a ser mais forte e a valorizar cada segundo da vida. Nossos momentos vividos estarão para sempre guardados comigo, pois as histórias de vida

de cada um de vocês são importantíssimas para mim. Obrigada por serem meus escudeiros, conselheiros, humoristas, cozinheiros e muito mais quando precisei, vocês fizeram a graduação ir muito além de teorias. Minha gratidão com muita ternura e estima aos mais lindos amigos Flávia, Izaías, Kenya, Magda e Quezia juntamente com seu esposo Ednaldo.

Ao meu orientador, Auríbio Farias, por sempre está disponível quando precisei, por me indicar a direção certa no momento da produção do trabalho e por ter paciência de me orientar de maneira coerente, integra e compromissada. Muito obrigada mesmo.

Aos professores que compõem a banca avaliadora, Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes e Prof. Ms. Fábio Pereira Figueiredo. É uma honra tê-los como parte da dessa pesquisa e muito obrigada pela disponibilidade.

Aos professores e funcionários do Departamento de Letras e Humanidades, obrigada por terem dado a suas parcelas de contribuição para que eu chegasse até aqui.

Por fim, aos meus colegas de turma, aos que conheci além da sala de aula e a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para essa caminhada minha mais sincera gratidão. Todos aqui citados representam algo nessa jornada que foi percorrida com muita dedicação, esforço que já deixa saudades e boas lembranças. Deus abençoe todos vocês!

“Não a nós, SENHOR, nenhuma glória a nós, mas, sim, ao teu Nome, por teu amor e por tua fidelidade!”

Salmo 115:1

“Quando o crítico tiver dito tudo sobre um texto literário, não terá dito nada; pois a própria definição da literatura implica que não se possa falar dela.”

TODOROV.

RESUMO

Levando em consideração o sujeito e o meio no qual esse está inserido, é possível chegar a diversas conclusões sobre a identidade do mesmo. Sabendo disso, objetivamos pesquisar como se constrói a identidade do sujeito nordestino na obra *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*, de Patativa do Assaré. Sendo assim, propomos uma abordagem metodológica de natureza qualitativa através da pesquisa bibliográfica, para alcançarmos com pesquisas e discursões o objetivo posto. Buscamos principalmente em ALBUQUERQUE JÚNIOR (2011), BAUMAN (2005), KOTHE (2004), SILVA (2013) as argumentações necessárias para embasar a nossa pesquisa. Após a realização da pesquisa proposta, foi possível identificar que a construção da identidade feita pela literatura canônica que conta o Nordeste, ao fazer escolhas, percorreu um caminho que desenha um sujeito nordestino de modo unificado, não levando em consideração que uma identidade formada em um contexto específico recebe diversas influências. Podemos considerar também que o sertanejo nordestino pode ter sua real identidade mostrada de forma simples e clara através da obra analisada e discutida no decorrer das pesquisas.

Palavras-chave: Identidade; Sujeito; Nordeste; Sertão.

ABSTRACT

Taking into account the subject and the environment in which it is inserted, it's possible to get various conclusions about his identity. Knowing about this, we had as objective to look into how it were built the identity of the northeastern individual in *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*, work of Patativa do Assaré. Therefore, we propose a methodological approach of a qualitative nature through bibliographic research, to we reach with discussions and researches the point. We seeking in ALBUQUERQUE JÚNIOR (2011), BAUMAN (2005), KOTHE (2004), SILVA (2013) the arguments necessary to support our research. After we do the proposal research, it was possible identify that the construction of the identity made by the canonical literature that counts the Northeast, when making choices, traveled a path that draws a Northeastern subject in a unified way, not taking in account that an identity formed in a specific context derives from several influences. We can also consider that northeastern outback-man can have it's real identity shown in a simple and clear way through the work analyzed and discussed in the course of the research.

Key-words: Identity; Subject; Northeastern; Out-back.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 QUEM FOI E O QUE ESCREVEU PATATIVA DO ASSARÉ	13
2 O NORDESTE E SUAS IDENTIDADES	15
2.1 Formação identitária: possíveis (in)definições	15
2.2 Invenção do Nordeste brasileiro na literatura	22
3 O NORDESTE DE PATATIVA	25
3.1 Analisando o Nordeste na perspectiva do autor Patativa do Assaré	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

A forma como a região Nordeste é retratada – através de autores que escreveram sobre ela e se tornaram canônicos – na maioria das vezes tende a mostrá-la apenas por um ponto de vista único, sendo que este povo possui uma vasta diversidade de valores, tanto sociais quanto culturais. Os chamados regionalistas de 30, pelo fato de terem se tornado mais conhecidos em âmbito literário nacional e mostrarem o Nordeste por uma perspectiva referente ao contexto dessa época, acabaram criando uma identidade nordestina que se propagou e que perdura até os dias atuais.

É evidente que a literatura e arte produzidas durante o período do chamado regionalismo, têm importantes contribuições para enriquecimento das obras culturais genuinamente brasileiras. Porém, principalmente quando se trata do que foi produzido sobre o Nordeste, elas trazem consigo uma grande carga de características que são específicas de uma única concepção ideológica.

Desse modo, a pergunta que norteará essa pesquisa é: Como se constrói a identidade do sujeito nordestino na obra *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino* de Patativa do Assaré? Sendo assim, a pesquisa justifica-se pelo fato de que pouco se conhece do grande acervo de escritores da região Nordeste, e que muitos desses escritores buscam mostrar na produção literária a realidade da vida cotidiana nordestina, contribuindo assim para a formação da sua identidade enquanto sujeito. Essa categoria analítica será desenvolvida através de elementos que serão identificados na apreciação da obra do autor mencionado acima, que servirá como *corpus* da pesquisa.

Posto isso, a relevância da pesquisa consiste em mostrar a visão de um autor “não canônico” sobre o Nordeste, tendo em vista que há uma menor propagação das produções acadêmicas sobre esse. O autor escolhido para essa pesquisa tem justa relevância, pois “canta” não só uma região de pobreza, mas também de riquezas materiais, físicas e culturais.

Temos então como objetivo geral compreender como acontece a construção do sujeito nordestino na obra “Cante lá que eu Canto cá: filosofia de um trovador nordestino” de Patativa do Assaré. E para compreendermos melhor a temática e chegarmos ao objetivo geral, temos como objetivos específicos contextualizar autor

e obra, conceituar o nordeste inventado pela literatura canônica regionalista, caracterizar a “inversão” do Nordeste através de elementos encontrados na obra “Cante lá que eu Canto cá: filosofia de um trovador nordestino” de Patativa do Assaré.

Postos os objetivos, o tipo de abordagem e pesquisa que serão realizados, a proposta metodológica será de natureza qualitativa e o método de pesquisa bibliográfica. Como se trata da análise de uma obra literária, com a intenção de encontrar determinadas características, podemos chamar nossa abordagem de qualitativa, de acordo com Severino (2007, p.119) quando afirma que “uma abordagem qualitativa, (...) faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas.” Ou seja, ela é admissível, pois o pesquisador pretende compreender uma determinada categoria analítica, a partir de fenômenos literários, sociais e até mesmo históricos e não sobre uma perspectiva analítica de resultados matemáticos, exatos ou estatísticos.

Quanto a pesquisa bibliográfica, ela é adequada porque é desenvolvida com o objetivo de fazer um “levantamento e análise do que já foi produzido sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica.” (RUIZ, 2010, p. 58). Sendo assim ela é ideal para alcançar o que se pretende desenvolver no decorrer desse trabalho, pois uma análise literária é coerente quando se busca teorias em diferentes autores que tratam sobre o mesmo assunto, para que essas sejam confrontadas e resultem em considerações pertinentes ao tema pesquisado.

Para compreendermos melhor as temáticas propostas usaremos como referencial teórico Bauman (2005), Woodward, Hall e Silva (2013), Hall (2006), Goldstein (2005), Moisés (2007) , Albuquerque Júnior (2011), Kothe (2004) entre outros autores que darão a sua parcela de contribuição para que a pesquisa seja considerada relevante e coerente.

A pesquisa irá se desenvolver em três capítulos, o primeiro “Quem foi e o que escreveu Patativa do Assaré” no qual será contextualizado fatos sobre a vida do autor e suas produções importantes; o segundo capítulo “O Nordeste e suas identidades” onde serão discutidos aspectos de formação, possíveis (in)definições e também como é mostrada a identidade do nordeste em outros contextos literários; o terceiro capítulo “O Nordeste De Patativa” no qual analisaremos poemas da obra *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino* que abordam temáticas relevantes para a formação da identidade do sujeito sertanejo nordestino. Por fim,

apresentaremos nossas considerações finais acerca das temáticas abordadas e como elas contribuíram para a valorização dos estudos literários no contexto acadêmico.

1 QUEM É E O QUE ESCREVEU PATATIVA DO ASSARÉ

Nascido no dia 05 de março de 1909 na cidade de Assaré localizada no estado do Ceará, Antônio Gonçalves da Silva era de família de agricultores e pelo fato de ter perdido o seu pai muito jovem, começa a trabalhar muito antes mesmo de frequentar a escola. Mesmo tendo contato tardio com a leitura e escrita esse foi o suficiente para que despertasse a veia poética que acreditava ter herdado de seu pai.

Em uma entrevista feita por Gilmar de Carvalho, através da Revista Cult (54ª edição) Patativa afirma que:

De escola eu passei apenas seis meses, somente. Com seis meses eu aprendi a ler, então, dali por diante, meus professores foram os livros. Eu sou semi-analfabeto, posso dizer. Fui apenas alfabetizado.” (2002, p.6)

Mesmo que sua relação com a escola e os livros didáticos tenha sido pouca, isso não o impediu de desenvolver um vasto acervo de produções, tanto no âmbito da oralidade como da escrita. Com o passar do tempo, o poeta começou a ganhar espaço em sua região se tornando “Um Patativa chamado para se apresentar em festas de casamento, aniversários, batizado, pontuando o cotidiano com o seu comentário poético.” (Cult, p. 08, janeiro 2002). Ou seja, ele começa a ter em sua região o reconhecimento que precisa, para que mais tarde pudesse propagar ainda mais as suas produções.

A produção oral de Antônio Gonçalves só passa a ser escrita a partir do momento que ele viaja com o seu primo ao estado do Pará, onde recebe o nome de Patativa do Assaré e fica assim conhecido. Essa foi uma etapa de suma importância em sua trajetória literária, pois foi quando teve a oportunidade de publicar o seu primeiro livro, porque até então sua poesia só era conhecida no contexto das cantorias e recitações. “Nesse sentido, a poética de Patativa que foi voz se apropria de uma tradição, mas a atualiza com marcas de uma autoria, afastando-se do folclore ao optar pela escrita.” (Cult, p. 12, janeiro 2002). Sendo assim, essa transição permite que muitas obras sejam produzidas fazendo com que o poeta tenha a liberdade de mostrar um nordeste social, cultural e físico que vai além do que se propagou em contexto nacional. Sendo assim Leonardeli (2009) afirma que:

Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, é caracterizado, por diversos estudiosos e pela mídia em geral, como um dos principais poetas populares nordestino. Sua obra cresce em relação à crítica e à popularidade. Apesar de sua escrita não “enquadrar-se” nos gostos da academia, ocupa, sem dúvida, posição de destaque na literatura brasileira.

A obra de Patativa do Assaré, apesar de não ser vista como a de um dos grandes nomes da literatura, é reconhecida como uma das principais fontes que contam a região Nordeste a partir de seu cotidiano bem como as suas peculiaridades.

Souza (2014, p.13) diz que:

Dentro desse prospecto, na literatura patativiana inicialmente marginalizada pelo cânone literário, aplica-se a prerrogativa de que suas expressões retomem a necessidade de resistir à subalternidade herdada pelo trauma da colonização. Ainda mais do que isso, é enxergar uma leitura e abordagem dentro do campo dos estudos da literatura e sua crítica, observando as facetas que o sertanejo patativiano encabeça em suas aparições como um fiel representante da resistência à sua condição de subalterno, vendo os aspectos sociais, culturais e históricos como fundantes no seu processo de construção da identidade.

Sendo assim, podemos afirmar que a obra de Patativa, no geral, surge como uma forma de resgate e resistência do sujeito sertanejo. Esse sujeito aparece na obra como parte de um contexto que, apesar da visão os que vêm de fora não ser o melhor lugar, para ele que está inserido e que é parte dele é o lugar que lhe satisfaz. Podemos ressaltar também, que isso acontece pelo fato de que sujeito e lugar estarem tão intimamente ligados que não é possível vê-los separadamente.

Também podemos afirmar que na produção literária do autor em questão é possível ir muito além de observar apenas o sujeito, mas também as suas marcas culturais que são sempre presentes, ver o sentimentalismo existente mesmo quando é descrito aspectos físicos de um lugar e perceber o quanto essas características são de fundamental importância para a formação e compreensão da identidade que é construída envolta a esses aspectos.

2 O NORDESTE E SUAS IDENTIDADES

O seguinte tópico trará algumas discussões teóricas sobre como se dá a formação identitária do sujeito social, a definição do termo identidade, os fatores que contribuem para a formação e definição de identidades. Também será incluído nesse tópico o conceito que foi perpetuado, a partir de algumas produções literárias, sobre a região Nordeste do Brasil, como essa visão pode influenciar na formação da identidade do Nordeste, entre outros assuntos pertinentes a essas temáticas.

2.1 Formação identitária: possíveis (in)definições

Como podemos observar no contexto atual de sociedade que vivemos, a construção da identidade pode ser atribuída a diversos fatores, sejam eles internos ou externos. Podemos dizer também que em todo processo de formação há marcas do meio que irão contribuir para que o sujeito, que está em constante processo de formação, tenda a trazer as marcas de seu contexto. Sendo assim, ele traz em si características que contribuíram de maneira eficaz para a construção de sua identidade, o tornando diferente de sujeitos do seu e de outros contextos.

O conceito de construção da identidade por vezes se torna para muitos algo unânime, porém, quando se decide abranger os estudos nesta área de conhecimento é possível perceber que cada sujeito tem em si a identidade construída em uma interação entre o que traz em si e as vivências que o mesmo tem. “Essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas.” (WOODWARD, 2013, p. 8). Ou seja, a formação e expressão identitária de alguém é demonstrada através das características únicas que ela adquire nessa interação com o meio, sendo assim o sujeito tende a representar em si as marcas da esfera social em que vive.

Estas marcas de contexto presente na formação de identidade, fazem com que as diferenças também sejam parte integrante dessa formação. Tendo em vista que cada contexto, seja um lugar físico ou social, tem em si características únicas seria impossível que as construções das identidades seguissem um padrão

unânime. Ou seja, podemos afirmar que “A identidade é, assim, marcada pela diferença.” (WOODWARD, 2013, p. 9).

Segundo Woodward, pelo fato dessas diferenças existirem das mais variadas formas de expressão, a tendência de classificar quem ou o que é “melhor ou pior” se torna frequente. Em relação a isso a autora diz que “A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças (...) são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares.” (WOODWARD 2013, p. 11). Podemos assim dizer que muitas vezes as diferenças geram conflitos, sejam eles internos ou externos ao sujeito, pois alguns desses sujeitos se consideram superior a outros seja por causa de um histórico de formação ou por um conflito recente.

No processo de formação da identidade as desigualdades surgem, pois, essa formação está intimamente ligada com a diferença, ou seja, “identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência.” (SILVA, 2013, p. 74). O que gera por uma das partes, o desejo de superioridade que classifica esse o outro como inferior seja por condições, sociais, intelectuais, religiosas, etc. Entretanto, precisamos deixar claro que as diferenças geradas, são de fundamental importância para a afirmação da identidade, pois isso garante que não haja uma ideia unificada de formação identitária.

A diferença é um dos fatores principais para a formação da identidade, é ela que faz com que esse não seja unificado para os sujeitos em geral. Existem diversos fatores que contribuem para que haja o desenvolvimento construtivo da identidade, esses fatores tanto podem ser de origem ideológica como de origem contextual. Ou seja, as influências que criam as diferenças podem ser desenvolvidas a partir do que é adquirido ao longo do tempo, dos contextos de convivência, a partir do contato com algo novo e entre outros fatores.

O meio cultural em que vive o sujeito influenciará para que a sua identidade seja intensificada. “A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre várias identidades possíveis” (WOODWARD, 2013, p. 19). Ou seja, o contexto cultural tem a capacidade de mostrar ao sujeito a diversidade das identidades, é neste sentido que ela influencia na formação identitária, pois ela fortalece as características identitárias através das experiências vividas, dando assim a opção de continuar vivendo determinadas experiências ou de

optar por algo novo que poderá dar a oportunidade de adquirir novas características de uma identidade nova.

Sendo assim, como já foi dito, a diferença está intrinsecamente ligada à identidade e como podemos perceber também está ligada à formação da cultura de um sujeito social, pois, partindo do conceito de que a cultura dá a ele a possibilidade de variações, a diferença se torna também uma característica chave para este processo de formação identitária.

Podemos acrescentar também o fato de que “A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. (...) Somos nós que fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.” (SILVA, 2013, p. 76). Ou seja, a formação identitária é desenvolvida através dos meios sociais e culturais que vive o sujeito, sendo assim podemos dizer que há uma efetiva influência do meio em que se vive para que a identidade que está interiorizada se intensifique. É importante ressaltar que ela precisa ser genuinamente produzida.

Bauman (2005), designa o termo “subclasse” para um sujeito que tem em si o desejo de mostrar a sua identidade, que anseia fugir do que é aceito pela maioria. Pelo fato de não ser visto como essa maioria premedita a tendência é que esse seja classificado como sem voz e vez em uma sociedade que vê o diferente como não-aceito.

Além de fatores que contribuem e incentivam a formação das identidades e diferenças, ainda podemos destacar também que existem algumas questões que tentam unificar o conceito de formação identitária. São lugares e situações sociais que, involuntariamente ou não, incentivam o desenvolvimento de uma identidade que identifica a minoria como excluído.

Os conjuntos dos meios de comunicações, para a maior parte da população, são as principais formas com a qual se tem acesso as informações do que acontece em outros contextos sociais. Sendo assim a mídia possui uma grande influência quanto aos conteúdos que são passados para as grandes massas, podendo fazer com que aqueles que têm acesso as informações transmitidas formem o seu pensamento sob o ponto de vista da mídia em geral. Sobre isso Woodward (2013, p. 18) escreve que:

A mídia nos diz como devemos ocupar uma posição de sujeito particular (...) a produção de significados e a produção das identidades que são posicionadas nos (e pelos) sistemas de representação estão estreitamente vinculadas.

As visões sobre determinadas partes da sociedade que a mídia veicula - não só através da mídia jornalística, mas também através do entretenimento - trazem um conteúdo significativamente influente, quando se trata de produzir identidades que favorecem a quem está produzindo determinado conteúdo. Assim, as grandes massas que têm acesso a esse conteúdo, formam o seu ponto de vista em relação ao diferente de si, de acordo com o que a mídia diz. Tendo em vista que os meios de comunicação transmitem apenas aquilo que lhe é favorável, a verdadeira definição do que o outro é fica sem voz diante de uma sociedade.

A globalização, que de forma direta ou indireta, se conecta com a esfera midiática tem uma contribuição significativa para a formação de um conceito único de identidade. Segundo Woodward (2013) vão sendo criadas novas formas de consumo que incentivam a unificação de um mercado. “Essas novas identidades, caricaturalmente simbolizadas (...) formam um grupo de “consumidores globais” que podem ser encontrados em qualquer lugar do mundo e que mal se distinguem entre si.” (WOODWARD, 2013, p. 21). Ou seja, a unificação de um mercado consumidor incentiva a criação de uma identidade única, que coloca aqueles que não tem acesso a determinado produto em posição inferior.

Os processos de globalização, que acontecem constantemente, se caracterizam por tentar uniformizar o público alvo através de produtos, propagandas, marcas, etc, que se tornam populares e de uso mundial. Isso tende a formar um sujeito unificado que ao invés de desenvolver sua identidade através de bases sólidas, se desenvolve através da cultura do consumo, que não se diferencia de outros, mesmo que esses estejam em lugares diferentes. “A globalização, (...) produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local.” (WOODWARD, 2013, p. 21), ou seja, a aproximação de uma cultura global pode fazer com que determinados sujeitos se distanciem de seu contexto de vivência local.

Corroborando com essa discussão sobre a formação da identidade, considera-se importante trazer o conceito de essencialismo.

Woodward (2013, p. 15) diz que:

“os movimentos étnicos ou religiosos ou nacionalistas frequentemente reivindicam uma cultura ou uma história comum como o fundamento de sua identidade. O essencialismo assume assim, diferentes formas (...) É possível afirmar uma identidade nacional sem reivindicar uma história que possa ser recuperada para servir de base para uma identidade fixa?”

Ou seja, quando se trata do desenvolvimento da identidade de uma nação é válido considerar a essência de um povo, pois ela contribuirá para que a identidade de um sujeito se desenvolva de maneira efetiva.

O essencialismo, quando se trata de identidade nacional, se refere a essência de uma identidade, essa pode surgir de diferentes locais sociais e por ser de diferentes fontes, torna-se mutável pois não vem de um só lugar. Essa essência pode se tornar comum para o surgimento de diversas identidades, fazendo com que o essencialismo seja diverso. Por isso, não podemos falar de uma identidade unificada a todos os sujeitos, pois mesmo que tenha uma essência semelhante no decorrer de sua formação, adquire diferentes características a torna mutável.

Vale ressaltar que o essencialismo que forma a identidade nacional, não se enquadra no conceito geral de formação identitária. Para que fique mais claro o que pretendemos desenvolver, Hall (2013, p. 108), afirma que:

O conceito de identidade aqui desenvolvido não é, portanto, um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional. (...) Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e oposições que podem cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.

Isto é, o essencialismo quando associado ao desenvolvimento identitário não pode ser associado a algo estático e imutável, pois entende-se que a identidade é formada de maneira ao longo do tempo se associa com novas perspectivas e criando assim novas formas de se apresentar. Podemos então dizer que não é possível associar o conceito de identidade a algo imóvel, mas que ela está sujeita a receber influências de diversos lugares da esfera social.

Uma das formas que a identidade pode ser formada e reafirmada é através da busca de suas bases históricas. Isso acontece pois com o surgimento de novas formas de identidade, o que é considerado válido na base histórica de uma sociedade tende a se perder com o tempo fazendo com que se criem lacunas sociais, sendo assim, “Para preencher esse vazio, têm ressurgido (...) formas antigas de identificação étnica, religiosa e nacional.” (...) “Para lidar com a fragmentação do presente, algumas comunidades buscam retornar a um passado perdido”. (WOODWARD, 2013, p. 23). Ou seja, nem tudo que aconteceu no passado de uma sociedade deve ser considerado ultrapassado, sempre haverá algo na cultura de um povo que contribuirá para a formação de novas identidades.

Podemos também acrescentar o fato de que a formação da identidade pode estar alicerçada em uma base sólida, para que se desenvolva de maneira efetiva. Segundo Hall (2013, p. 108 – 109):

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos.

Sendo assim, a identidade precisa está relacionada a sua origem histórica para que assim, em seu desenvolvimento possa está ligada a algo que não será esquecido ou dissolvido com o tempo. É importante ressaltar também, que o uso de ferramentas históricas implica em construir fontes que vão contribuir para o fortalecimento do que será formado e de como a identidade do sujeito irá reagir ao conviver com outros lugares sociais. “Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados.” (BAUMAN, 2005, p. 18 e 19). Por isso que é importante que a identidade tenha uma origem forte, para que quando se depare com outros contextos ela se concretize, ao invés de se dissolver e se tornar frágil.

Partindo do fato de que voltar às origens é uma maneira de formação identitária podemos acrescentar também a esta discussão o conceito de identidade nacional. É preciso entender que a identidade de uma nação, não pode ser medida

apenas sob um ponto de vista, levando em consideração que um país não é formado de uma única influência cultural. Segundo Woodward, (2013, p. 22):

A contestação no presente busca justificação para a criação de novas – e futuras - identidades nacionais, evocando origens, mitologias e fronteiras do passado (...) Uma vez que não seria possível conhecer todas aquelas pessoas que partilham de nossa identidade nacional, devemos ter uma ideia compartilhada sobre aquilo que a constitui. A diferença entre as diversas identidades nacionais reside, portanto, nas diferentes formas pelas quais elas são imaginadas.

Ou seja, a autora afirma que as novas identidades de uma nação fazem o possível para ligar-se às origens que formam a nação, fazendo-se possível uma evolução de pensamento, mas que não perca a diversidade presente em sua essência. Por isso também, não podemos garantir que o povo de um país é formado por uma única identidade nacional, pois existe em uma país diversas essências que formam diversas identidades em um único território. “Fixar uma identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e diferenças.” (SILVA, 2013, p. 83). Ou seja, podemos dizer que a partir do momento que há uma unificação da identidade, automaticamente é gerada uma hierarquia de identidades que seleciona o que deve ficar no topo e o que não deve.

“A ideia de “identidade”, e particularmente de “identidade nacional”, não foi “naturalmente” gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência como um “fato de vida” auto-evidente.” (BAUMAN, 2005, p. 26). Isto é, quando se nacionaliza uma identidade, não se associa a algo que foi naturalmente criado, mas a algo que pode ser classificado em categorias, (o que é mais importante, que mais se destaca, o melhor influenciado ou até mesmo o mais interessante para se mostrar) fazendo com que seja mostrado apenas um lado de uma nação e os outros lugares fiquem esquecidos e conseqüentemente inferiorizados.

Apesar da unificação de uma identidade nacional ser uma forma de hierarquização, através da língua a unificação pode se tornar possível e é uma forma positiva de promover a quebra das desigualdades. Segundo Silva (2013) Ela permite que haja uma ligação entre os territórios de uma nação, fazendo com que a mesma permaneça fixa a um passado importante e ao mesmo tempo se adequando às formas atuais de uma sociedade. Sendo assim “A língua tem sido um dos

elementos centrais desse processo – a história da imposição das nações modernas coincide, em grande parte, com a história da imposição de uma língua nacional única e comum.” (SILVA, 2013, p. 85).

Acrescentamos então que “A identidade é um desses conceitos que operam “sob” rasura, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada de forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas.” (HALL, 2013, p. 104). Assim sendo, é possível afirmar que determinados conceitos podem ser modificados, mas não podem deixar de se conectar com o que ele é. A identidade se qualifica assim, pois age diante do que já se tem construído em um sujeito e que ao longo de suas experiências vividas adquire o que lhe é válido, o que nos permite afirmar também “a identidade é uma construção, um feito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo.” (SILVA, 2013, p. 96).

Vale acrescentar que “A identidade está vinculada *também* a condições *sociais e materiais*. Se um grupo está simbolicamente como inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído” (WOODWARD, 2013, p. 14). O conceito de identidade está intimamente ligado a questões de cunho social, pois quando se tenta classificá-la um dos lados será colocado como inferior ou menos valorizado. Podemos assim dizer que “A identidade – sejamos claros sobre isso – é um “conceito altamente contestado”. Sempre que se ouvir sobre essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha.” (BAUMAN, 2005, p.83). Ou seja, entender que as identidades sempre estarão sujeitas a mudanças é fundamental para que entendamos as variações e diferenças presentes nela. Essas vão sendo ao longo do tempo construídas e podadas no sujeito, para que cada vez mais se adeque ao seu modo ideal de identidade.

2.2 Invenção do Nordeste brasileiro na literatura

A literatura e a arte têm um papel muito importante quanto à formação de uma identidade seja ela de um povo, de uma época ou de um local físico. Os autores e artistas que se apropriam de uma determinada temática, para ser corpus de suas produções têm a capacidade de influenciar a visão daqueles que serão consumidores de suas obras. Isso faz com que esses artistas e autores tenham consigo a apropriação do poder de formar o pensamento daqueles que são leigos

sobre determinada cultura, fazendo com que seja mostrada uma perspectiva única, que não consegue abranger por completo as características que uma sociedade possui, não mostrando assim os outros pontos de vista existentes.

Historicamente diversas obras literárias foram tidas como as de melhor qualidade e as que melhor revelam nossa identidade como nação. São as chamadas obras que formam o nosso cânone. As obras literárias canônicas têm o objetivo de caracterizar uma nação, porém o conceito do que pode ou não ser considerado um cânone é um tanto relativo, pois segundo Kothe (2004, p. 410):

“Ainda que a exegese faça de conta que ingressar no cânone decorre apenas valor literário do texto, não há aí de imediato reconhecimento da qualidade literária do autor: eventuais qualidades técnicas são usadas para uma finalidade que é precipuamente ideológica. Um autor pode ter todos os méritos e mais alguns, mas, mesmo assim, ele não será reconhecido se isso não convier ao sistema”

Sendo assim podemos afirmar, segundo o autor, que nem sempre os critérios para se eleger um cânone nacional (falando de Brasil) se apegam de fato às qualificações de uma obra e sim ao que é interessante, para os organizadores desse sistema, mostrar ao resto do mundo. Depende principalmente da ideologia que a obra traz, pois mesmo que a obra tenha boas qualificações técnicas se a sua temática principal não favorecer aos que estão envolvidos na escolha do que é ou não conveniente, esta não será considerada adequada para mostrar a identidade da nação.

A maioria dos autores classificados como canônicos na literatura brasileira têm em sua obra diversas controvérsias que põem a prova o critério de classificação, do que realmente é mostrar a identidade brasileira através da literatura. “o que pode ser cultivado, como se flor fosse, é o distanciamento e a indiferença. Se a brasilidade é isso que o cânone postula e a exegese canonizadora defende, então é melhor não ser “brasileiro”.” (KOTHE 2004, p. 412) Quando o autor diz “não ser brasileiro”, é no sentido de que os cânone brasileiro tanto se distancia da realidade, que esconde a realidade do território nacional, pois o que é propagado é somente um ponto de vista de uma ideologia específica.

Vale salientar que no Brasil existiu uma época em que a propagação de uma região específica, através da literatura e arte, se tornou ainda mais evidente. Com o surgimento da escola literária modernista, que tinha o objetivo de mostrar uma arte urbana, das consideradas metrópoles do país, sentiu-se a necessidade de também se mostrar através da arte e da literatura as regiões mais interiorizadas do país. Sobre isso Kothe (2004, p. 412 - 413) escreve que:

“O modernismo não é muito mais que um regionalismo paulistano que dominou os demais (e continua dominando por meio do colonialismo interno do eixo Rio-São Paulo). Isso ainda não faz dos regionalismos uma alternativa ao sistema dominante. Pelo contrário eles são um suplemento necessário, uma confirmação do Eixo.”

Os regionalistas tiveram como um de seus objetivos, se contrapor à urbanização artística e cultural que estava sendo propagada nas regiões mais industrializadas do Brasil. Porém “O regionalismo paulista se configura, pois, como um “regionalismo de superioridade”, que se sustenta no desprezo pelos outros nacionais e no orgulho de sua ascendência europeia branca.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR 2011, p. 57). Sendo assim, podemos dizer que apesar do regionalismo do Nordeste querer mostrá-lo para o resto do país, o modernismo exerce uma função de poder e superioridade que maquia o Nordeste como uma região inferior, como um espaço onde não se havia nada que pudesse se aproveitar além do fato de que os habitantes dessa região tinham o objetivo de, por causa de fatores climáticos, migrarem para as metrópoles do país.

Segundo Kothe (2004) os próprios autores regionalistas são responsáveis por criar esta visão de Nordeste pobre, seco, de habitantes sem nenhuma perspectiva de encontrar algo melhor em sua própria região. O mesmo cita autores como José Lins do Rego e Graciliano Ramos, grandes nomes dos regionalistas, como responsáveis por essa propagação. O autor afirma que em umas das obras de José Lins do Rego “Não há a menor empatia com o sofrimento dos escravos e dos peões.” (KOTHE, 2004, p. 413). E sobre a obra Vidas Secas de Graciliano Ramos, o autor diz que: “mostra (...) a miséria no interior do Nordeste, e acena com a migração para o Sul Maravilha como grande alternativa” (KOTHE, 2004, p. 416).

Sendo assim, podemos ver que os regionalistas acabam que realizando a mesma prática de propagação utilizada pelos modernistas. Eles mostram uma determinada região sob um único ponto de vista, fazendo com que se propague nacional e mundialmente a ideia unânime de um local, fazendo com que se desenvolva a ideia de uma identidade estática da região.

Os autores que produziram literatura regionalista em meados da década trinta, mostraram a região Nordeste por um único prisma. Sobre isso Albuquerque Júnior (p. 216, 2011) afirma que esses autores:

tomarão o Nordeste como exemplo privilegiado da miséria, da fome do atraso, do subdesenvolvimento, da alienação do país. Tomando acriticamente o recorte espacial Nordeste, esta produção artística (...) termina por reforçar uma série de imagens e enunciados ligados à região que emergiram com o discurso de seca, já no final do século passado. (...) Eles lançam mão de uma verdadeira mitologia do Nordeste, já fabricada pelos discursos anteriores, e a submete a uma leitura (...) que a inverte de sentido

Ou seja, há nessas obras uma descrição de Nordeste que só mostra um prisma de negatividade, que na maioria das vezes denigre essa região como se não houvesse outra vida além de seca, sofrimento, fome, etc. Essas características se propagaram para grande parte do país, e muitos desses autores se tornaram conhecidos nacionalmente através dessa literatura.

Albuquerque Júnior (2011) diz que: “Quando se toma o objeto Nordeste como tema de um trabalho, seja acadêmico, seja artístico, este não é um objeto neutro.” Sendo assim podemos afirmar que não pode ser possível estudar essa região como um lugar que não tem outras influências. Existe nela muitos outros valores tanto físicos como indenitários, que são desconsiderados e resultam na propagação de uma imagem para as outras regiões do país que persiste até os dias atuais.

3 O NORDESTE DE PATATIVA

Goldstein (2005) afirma que “Ao analisar, é mais simples começar pelos aspectos mais palpáveis do poema, aqueles que saltam aos olhos – ou aos ouvidos. A seguir, é preciso estabelecer relações entre os diversos aspectos do texto para

tentar interpretá-lo.”. Ou seja, para analisar poemas, é preciso dar ênfase ao que a própria obra mostra como destaque para que assim possamos dar continuidade a interpretações, associando a outras características que se ligam as temáticas relevantes ao texto. “A análise de um texto poético deve basear-se em sua essência, não em sua forma” (MOISÉS, 2007, p. 41), sendo assim quando se propõe a leitura de poemas como uma visão analítica, deve-se levar em consideração que esses mostrarão de forma mais essencialista o que o autor quis falar aos leitores.

Como discutido anteriormente, o Nordeste que a literatura classificou como canônico mostra apenas o lado de um prisma que tem diversos contextos. Sendo assim, o presente tópico trará algumas reflexões feitas a partir da obra literária “Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino” do autor Patativa do Assaré. Dessa obra foram selecionados poemas que trazem consigo variadas formas de ver-se Nordeste/Sertão, fazendo com que tenhamos uma ampla visão sobre como se forma a identidade a partir de seu contexto de convivência e outras características, observando também algumas questões que contribuem diretamente para a formação dessa identidade.

3.1 Analisando o Nordeste na perspectiva do autor Patativa do Assaré

Levando em consideração o contexto, o sujeito e a identidade podemos extrair de uma obra literária diversas nuances do que o autor quis passar aos leitores. Para entender e se aprofundar melhor nos poemas selecionados, usamos como categorias de análise *O contexto*, *O sujeito* e *O sujeito no Contexto* e partindo dessas categorias serão colocados trechos da obra que caracterizam a identidade do nordestino sertanejo na visão do autor Patativa do Assaré.

Para a categoria contexto identificamos 2 poemas: “O retrato do Sertão” e “Dois quadros”. Sobre a temática identidade e contexto Hall (2006, p. 72) afirma que:

O “lugar” é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas (...) Os lugares permanecem fixos; é neles que temos raízes.

Sendo assim, é perceptível que quando falamos de lugar/contexto, onde está o sujeito, haverá fortes influências do meio para a formação identitária do mesmo. O fato de que um lugar físico influencia no interior de alguém, deixa cada vez mais claro que o sujeito do nordeste não tem apenas um apego sentimental à sua terra, mas pelo fato de ela fazer parte de sua identidade ambos se tornam cada vez mais interligados.

Nesses poemas foram encontradas características que descrevem com clareza como é visto nordeste/sertão em suas mais particulares características. A partir dessa leitura é possível perceber que os detalhes contados e cantados pelo eu lírico são de extrema importância, pois nos levam a entender um contexto que tem forte influência na formação da identidade do sujeito local, como podemos ver no trecho do poema “O retrato do Sertão”:

Se o poeta marinheiro
 Canta as belezas do mar,
 Como poeta roceiro
 Quero o meu sertão cantar
 Com respeito e com carinho.
 Meu abrigo, meu cantinho,
 Onde viveram meus pais.
 O mais puro amor dedico
 Ao meu sertão caro e rico
 De belezas naturais.

Meu sertão das vaquejadas,
 Das festas de apartação,
 Das alegres luaradas,
 Das debulhas de feijão,
 Das Danças de S. Gonçalo,
 Das corridas de cavalo
 Das caçadas de tatu,
 Onde o caboclo desperta
 Conhecendo a hora certa
 Pelo canto do nambu. ASSARÉ (2012, p.233 - 234)

Na primeira estrofe é nítida a satisfação que há no eu lírico em cantar o seu contexto ressaltando o fato de é verdadeiramente o seu lugar, pois além de ser habituado com o local também é lá onde se encontram as suas origens familiares. Nessa mesma estrofe, também é possível perceber que o eu lírico descreve o lugar não só com o apego sentimental, mas também ressalta que há autenticidade na natureza de seu local de convívio.

Na segunda estrofe, o eu lírico descreve cenas específicas de seu contexto que proporcionam ao leitor a experiência de visualizar a forma de como tradição e vida diária, estão em constante interação na vida do sujeito inserido nesse contexto. É possível compreender que determinada descrição só pode ser feita por um indivíduo que está em total integração com o meio. Também é perceptível pluralidade de manifestações culturais vivenciadas no contexto descrito, mostrando assim que o sujeito entra em contato com uma diversidade de práticas em sua rotina.

No poema “Dois quadros” o eu lírico no decorrer dos versos descreve como é o cotidiano e reação do sertanejo nordestino diante de duas situações. A seca e a chuva, apesar de serem ambas fatores climáticos, estão diretamente ligadas à vida corriqueira do sujeito no contexto nordeste como podemos ver nos fragmentos retirados do poema:

Na seca inclemente do nosso Nordeste,
O sol é mais quente e o céu mais azul
E o povo se achando sem pão e sem veste,
Viaja à procura das terra do Sul.

De nuvem no espaço, não há um farrapo,
Se acaba a esperança da gente roceira,
Na mesma lagoa da festa do sapo,
Agita-se o vento levando a poeira.

A grama no campo não nasce, não cresce:
Outrora este campo tão verde e tão rico,
Agora é tão quente que até nos parece
Um forno queimando madeira de angico. ASSARÉ (2012, p. 55)

O fato de o sujeito nordestino ser fortemente afetado pelas condições climáticas de seu contexto de sobrevivência destaca ainda mais o seu forte vínculo com seu local de pertencimento, como visto no poema anterior e é perceptível a forma minuciosa como o local é descrito. Uma temática interessante que também conseguimos identificar nesse poema é a reação do sujeito ao se deparar com determinada situação, na qual o ele ver que a única solução é ter que deixar a sua terra e como mesmo o faz com muito pesar. Nesse processo de mudança, podemos destacar um processo de formação identitária, que a memória se torna um artifício que intensifica ainda mais a relação do sujeito com o lugar. Albuquerque Júnior (2011, p. 98) diz que:

Mesmo para quem dela sai, o imigrante, o Nordeste aparece como este espaço fixo de saudade. O Nordeste parece estar sempre no passado, na memória; evoca como o espaço para os amores, a família, os animais de estimação, o roçado, ficam como que suspensos no tempo a esperarem que um dia este migrante volte reencontre tudo como deixou.

Na continuação do poema o eu lírico mostra o que podemos chamar de situação oposta à seca, ou seja, quando a chuva chega ao sertão a situação vivida anteriormente muda por completo, como podemos identificar abaixo:

Porém, quando chove, tudo é riso e festa,
O campo e a floresta prometem fartura,
Escutam-se as notas agudas e graves
Do canto das aves louvando a natura.

Alegre esvoaça e gargalha o jacu,
Apita o nambu e geme a juriti
E a brisa farfalha por entre as verduras,
Beijando os primores do meu Cariri.

De noite notamos as graças eternas
Nas lindas lanternas de mil vagalumes.
Na copa da mata os ramos embalam
E as flores exalam suaves perfumes. ASSARÉ (2012, p. 55)

Na leitura desse trecho podemos observar que um único acontecimento é capaz de mudar completamente a vida cotidiana de um contexto. O que antes era pesar se transforma completamente em uma reconexão com o meio que traz à tona novamente o sentimento de prazer, satisfação e gratidão do eu lírico em viver no seu local. Podemos também, perceber que a partir do momento que é possível viver novamente em seu lugar o eu lírico não vê mais nenhuma necessidade de deixá-lo, mas retoma a sua esperança de continuar em seu local, vivendo onde estão os vínculos afetivos e também o seu meio de existência.

Como observamos nos poemas citados, o sujeito que vive nesse contexto também é de grande importância para o autor em questão, pois o mesmo vive todas essas cenas cotidianas e tem sua identidade sendo formada, “podemos dizer que a identidade é uma construção, um feito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo.” (SILVA, 2013, p. 96). Sendo assim, podemos afirmar que ao longo da convivência com outros sujeitos e com o meio a identidade do sujeito é produzida e cada vez mais legitimada.

No poema “Cante lá, que eu canto cá” o eu lírico retrata um pouco do seu lugar dando ênfase ao que ele representa em seu contexto e a forma como escolheu valorizar o convívio sem que queira o ponto de vista de quem vem de fora sobre o que é de dentro. Sendo assim nesse poema, e em outros que serão citados, analisaremos como se mostra O Sujeito na obra em questão. Vejamos agora alguns trechos do poema que dão ênfase a como se descreve o sujeito sertanejo:

Poeta, cantô da rua,
 Que na cidade nasceu,
 Cante a cidade que é sua,
 Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,
 Aqui, Deus me ensinou tudo,
 Sem de livro precisá
 Por favô, não mêxa aqui,
 Que eu também não mexo aí,
 Cante lá, que eu canto cá.
 (...)

Canto as fulô e os abroio
 Com todas coisa daqui:
 Pra toda parte que eu oio
 Vejo um verso se bulí.
 Se as vêz andando no vale
 Atrás de curá meus male
 Quero repará pra serra,
 Assim que eu oio pra cima,
 Vejo um diluve de rima
 Caindo inriba da terra.
 (...)

Aqui findo esta verdade.
 Toda cheia de razão:
 Fique na sua cidade
 Que eu fico no meu sertão.
 Já lhe mostrei um ispeio,
 Já lhe dei grande conseio
 Que você deve tomá.
 Por favô, não mêxa aqui,
 Que eu também não mexo aí,
 Cante lá que eu canto cá. ASSARÉ (2012 p. 25, 28 - 29)

A primeira característica que podemos destacar como marca de que o poema irá retratar algo sobre O Sujeito, é uso da primeira pessoa do singular no decorrer dos versos e como podemos perceber no fragmento “Que eu canto o sertão que é meu.”. Ao longo do poema o eu lírico faz uma espécie de monólogo no qual direciona a suas palavras para aqueles que, em seu ponto de vista, se contrapõe a sua arte ao colocar o conhecimento intelectual em questão.

Um dos traços que podemos destacar é o fato de que o sujeito descrito pelo eu lírico tem um forte apego ao divino. Vemos essa característica quando na segunda estrofe o mesmo atribui a Deus o fato de produzir arte mesmo sem ter estudos, pois crer que essa força superior ser o que lhe capacita pelo fato de não ter tido contato com ensino escolar. Como uma forma de explicar ao leitor que a sua arte tem tanto

valor como a dos outros poetas, o mesmo vai justificando qual é a fonte de seus poemas ressaltando também que é preciso ser do lugar para cantar o lugar.

A partir da leitura da segunda estrofe, podemos perceber que o contexto da natureza local é um dos principais fatores de inspiração para a poesia, podendo ser colocada como protagonista de sua arte, intensificando assim o fato de que o contexto está intimamente ligado a sujeito. Podemos destacar também, que esse é um sujeito que se forma junto com a sua arte, que canta o seu lugar de forma íntima colocando em questão o fato de que ele acredita que somente ele pode falar sobre o lugar no qual vive.

Outro poema que acrescentamos para analisar O Sujeito é “Caboclo roceiro”, nele podemos observar um eu lírico que apresenta uma personalidade que apesar de diferente da que foi identificada no poema anterior, é também um tipo de gente do sertão como podemos ver nos fragmentos abaixo:

Caboclo roceiro das plagas do norte,
Que vives sem sorte, sem terras e sem lar,
A tua desdita é tristonha que canto,
Se escuto o teu pranto, me ponho a chorar.

Ninguém te oferece um feliz lenitivo,
És rude, cativo, não tens liberdade.
A roça é teu mundo e também tua escola,
Teu braço é a mola que move a cidade.

De noite tu vives na tua palhoça
De dia, na roça, de enxada na mão,
Julgando que Deus é um pai vingativo,
Não vêes o motivo da tua opressão. ASSARÉ (2012, p. 99)

O sujeito que vemos nesse poema, é bem diferente sendo assim essa “diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas.” (SILVA, 2013, p. 81). O fato de existirem diferentes identidades dentro de um mesmo contexto também faz parte do processo de formação identitária, pois

demonstra que mesmo estando em lugares semelhantes a identidade é única do sujeito e é resultado de um encontro do meio com o ser.

Ao analisar o sujeito descrito no poema, percebemos que ele é um típico da região, mas por vezes não é visto. Se trata de um sujeito que é forte, mas não tem apego ao divino que muito pelo contrário, põe a culpa de sua vida sofrida no que ele acredita ser as vontades de uma força superior. Podemos também comparar a sua força braçal com o contexto em que ele está inserido, pois mesmo sendo alguém que não tem apegos sentimentais e/ou afetivos ele se mostra como um forte convicto de suas atividades sociais. A figura do homem que se dedica tanto ao seu ofício que troca o apego pelo compromisso também é visto com frequência no contexto do sertão e o mesmo tem tanto valor quanto as outras personalidades vistas nesse contexto.

O poema analisado a seguir foi escolhido pois nele encontramos características que retratam *O sujeito no Contexto*, tendo em vista que os poemas anteriores também estão dentro dessa temática, porém separadamente, no próximo poema serão vistas características dessas temáticas em um só texto. Vejamos então alguns trechos do poema “Eu e o sertão”:

Sertão, minha terra amada,
 De bom e sadio crima,
 Que me deu de mão beijada
 Um mundo cheio de rima.
 O teu só é tão ardente,
 Que treme a vista da gente
 Nas parede de reboco,
 Mas tem milagre e virtude,
 Que dá corage, saúde
 E alegria aos teus caboco.
 (...)

Tu é belo e é importante,
 Tudo teu é naturá
 Igualmente o diamante,
 Ante de arguém lapidá.

Deste jeito é que te quero,
Munto te estimo e venero,
Vivendo assim afastado
Da vaidade, do orguio,
Guerra, questão e baruio,
Do mundo civilizado.
(...)

Rescordo com grande amô
O meu tempo de rapaz,
Tempo qui os ano levou
E os desengano não traz,
Quando toda noite eu ia
Cheio de doce alegria,
Sem infado do trabaio,
Uvi, de peito contrito,
As oração e os bendito
Das festa do mês de maio.
(...)

Como é bom a vida intêra
Passá contente e feliz
Sem sabe das bagacêra
De país contra país!
Caro sertão inocente,
Não fugiu de minha mente
E nem vai fugi tão cedo
As diversão de adivinha,
Manêro pau, Cirandinha
E muntos ôtro brinquedo.
(...) ASSARÉ (2012, p. 21 - 24)

Segundo Aguiar (2013, p.44), esse poema pode ser classificado como um “hino de amor do poeta por seu local de habitação.”. Podemos perceber nitidamente o apego sentimental existente entre o sujeito e o lugar em que está inserido. Nesse poema, é descrito não apenas as cenas corriqueiras do cotidiano, mas também as memórias que o fizeram ser ainda mais parte do meio e o meio parte dele.

No decorrer dos versos, também é válido destacar que o eu lírico vê o seu contexto como um lugar perfeitamente ideal, tanto para viver como para inspirar a sua arte. Quando o eu lírico afirma “Tu é belo e é importante,/Tudo teu é natural/ Igualmente o diamante,/Ante de arguém lapidá.” Ele mostra que valoriza o fato de que o seu lugar não tem influência de fatores externos, sendo possível considerar que o fato de não se ter a atuação de alguém de “fora” é sim para os que estão dentro um fator positivo.

Ao término das análises, podemos destacar uma característica que é comum e relevante na obra de Patativa do Assaré, a oralidade. Ela está presente não só no ritmo e na rima, mas principalmente na maneira como o poeta se propõe a redigir a maioria de seus poemas. Sobre isso Feitosa (2003, p. 183) diz:

A oralidade presente no universo patativiano vem de várias instituições da oralidade – do gênero à natureza oral, da voz “deitada na letra” aos processos de “dizibilidade e visibilidade” (..) Em Patativa do Assaré, o oral tanto pode ser uma voz ancestral, demiúrgica, mítica, como pode ser simples vocalização processada e gerida por uma pluralidade de leis e sistemas; ou a simples pronúncia, ou apenas a palavra sonora.

Ou seja, a oralidade que é evidenciada na poesia de Patativa o torna ainda mais importante para a obra literária brasileira pois “A poesia tem um caráter de oralidade muito importante: ela é feita para ser falada, recitada.” (GOLDSTEIN, 2005, p. 09). O fato de que nem sempre a forma como esse autor redige seus poemas não ser a prevista na norma culta, eles não podem ser considerados inferiores aos canônicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como principal foco de pesquisas e discursões postular teorias que contribuíssem para que a desconstrução de um nordeste inventado fosse comprovada, e também como esse nordeste pode ser visto sob a perspectiva de obras que contam o seu cotidiano, fatos e conflitos de um prisma diferente do que foi colocado como canônico. Também foi colocado como relevante o fato de como a propagação de uma imagem sobre uma região e de como ela realmente é, podem ter forte influencia sobre os conceitos de formação e (in)definição da identidade do sujeito.

Para as discursões propostas, foi fundamental ter como corpus um autor que tivesse sua obra inspirada no que realmente, foi objetivado mostrar da região Nordeste. Sendo assim o autor Patativa do Assaré e a obra *Canta que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino* foram determinantes para que pudéssemos observar e conseguir extrair as temáticas necessárias e relevantes para que a pesquisa fosse continuada com êxito. É importante também, ressaltar o fato de que autor e obra foram escolhidos por terem sua importância nas produções literárias regionais e que não vai de encontro às produções que são conhecidas em âmbito nacional.

Também achamos relevante a pesquisa e discutir acerca do conceito de identidade. São variados estudos sobre a formação da identidade do sujeito, optamos então por discutir por quais meios se pode observar essa formação identitária. Podemos então considerar que o conceito de identidade não traz uma definição específica tendo em vista que a mesma, em sua contemporaneidade, não é obrigatoriamente surgida de uma única fonte, pois percebemos que em um contexto podem surgir diversos fatores que influenciaram para a formação identitária dos sujeitos que compartilham em um só lugar diferentes relações sociais. É partindo desse conceito de formação identitária que discutimos também o que foi inventado sobre a região Nordeste por autores canônicos e de grande relevância na arte e literatura brasileira.

É possível percebemos que a produção artística e cultural que se conhece da região Nordeste, mostram apenas o sertão através da visão de um único prisma. Sendo assim, para se contrapor a esse fato, embasamos essa parte da pesquisa em

teóricos que confirmam as nossas discursões. É nítido, o fato de que o que se propagou sobre o Nordeste mais contribui para a que o tornou conhecido por não ser o que o torna um bom lugar para se viver.

Consideramos então, que as análises e discursões realizados com os poemas do corpus de nossa pesquisa, nos mostram que é possível sim, formar a identidade do sujeito nordestino através de uma literatura que realmente conte como é a região. Contar e cantar a multiplicidade de nossas manifestações culturais, de nossa ligação com a terra, de nossa vocação para a poesia falada, o cordel, o amor à chuva, à água. Mostrar que existe um nordeste que vai muito além de secas e mudanças para o Sul, é algo que a obra literária analisada consegue provar com êxito e maestria.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Rafaek Hofmeister de. **Patativa do Assaré: voz da identidade sertaneja**. Dissertação (mestrado em Processos e Manifestações Culturais) – Feevale, Novo Hamburgo – RS, 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino**. 17ª ed. Petópolis: Vozes, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CARVALHO, Gilmar. Memórias da Cantoria. IN: **Revista Cult**. Edição 54. São Paulo: Bregantine, Janeiro 2002.

FEITOSA, Luiz Tadeu. **Patativa do Assaré : a trajetória de um canto**. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. 13ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2005.

KOTHE, Flávio R. **O cânone republicano II**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

LEONARDELI, Poliana. **Patativa do assaré e a identidade sertaneja: oralidade, memória e religiosa**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2009

MOISÉS, Manssaud. **A análise literária**. 16ª reimpr. São Paulo: Cultrix, 2007.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Atlas 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeus da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 13^a ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

SOUZA, Francisco Wellington Carneiro de. **Poesia de Patativa do Assaré como voz de resistência à condição subalterna: uma leitura acerca do sertanejo nordestino**. Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2014.